

CELEBRANDO A FUNDAÇÃO DO CURSO DE TEOLOGIA EM BELÉM E 40 ANOS DE ENSINO 1972 – 2012

A teologia non è de casa em Belém. Introduzida na colônia do Grão Pará pelo jesuíta padre Gabriel Malagrida, no fim da primeira metade do século XVIII, permaneceu aqui por poucos anos, ou seja até o dia em que, perto dos anos 1770, o padre Gabriel Malagrida foi expulso da Amazônia com todos os seus irmãos missionários. O mesmo padre era o fundador do primeiro seminário no Pará e fazia questão de acolher nele todos os vocacionados da área, seja que fossem diocesanos, seja que fossem de ordens religiosas. O mesmo padre achava que a formação dos padres devia ser igual para todo aspirante destinado a trabalhar na mesma região: uma ideia de grande interesse mas não aprofundada suficientemente pelos historiadores da vida da igreja na Amazônia(1) mas acredito que guarde alguma mensagem muito interessante e também ainda muito atualizável em nosso meio(2). O seminário de padre Malagrida não durou muito. Entre 1755 e 1794 todos os religiosos estrangeiros foram expulsos das missões da Amazônia, tendo em primeira fila os jesuítas. A supressão da ordem dos jesuítas em Portugal (1774) e no mundo inteiro começou mesmo com a expulsão dos missionários jesuítas da Amazônia.

01. Formação teológica só em Portugal ou na França. Voltando ao Portugal o padre Malagrida foi queimado vivo numa praça de Lisboa, mas isso não tinha nada a ver com seu trabalho em Belém. Malagrida foi condenado a morte por razões que vinham da casa real portuguesa. No meio havia a acusação de que o supradito padre Malagrida, diretor espiritual de piedosas e poderosas madames da nobreza portuguesa, teria inspirado nelas a iniciativa de deixar gordas heranças para a ordem dos jesuítas.

Coisa que irritava muito o governo do Marquês de Pombal mas sem que tivesse a coragem de confessar que nutria ressentimento por aquelas mau aconselhadas madames. Para encobrir as verdadeiras motivações, padre Malagrida foi condenado por heresias que nunca ficaram esclarecidas. Entre os professores do nosso grupo tem um jesuíta que sabe tudo e escreveu livros sobre padre Malagrida (3).

Voltando à história da teologia, aconteceu que o governo português tomou uma decisão ferrenha: padre brasileiro só podia se formar em Portugal, devido ao dever que a Igreja tinha de encobrir e favorecer os interesses do império. Só mais tarde, mas não sei dizer quando, foi permitido aos seminaristas brasileiros de estudar também na França. Nós do Pará tivemos um reflexo muito significativo da decisão de permitir os estudos teológicos na França. Dom José Gonçalves de Oliveira (arcebispo de Recife) e dom Antonio de Macedo Costa (arcebispo de Belém) tinham estudado na França e tinham condição de contradizer, como bispos da igreja, os interesses do império português em manter a igreja ao próprio serviço. Os dois arcebispos, por ter impedido ao clero de aderir ao movimento maçônico (4) foram condenados à prisão e trabalhos forçados. Por intervenção do Pedro II, que não queria problemas com a igreja, declarando de não entender de teologia e/ou de direito canônico, os dois foram liberados após 18 meses de reclusão.

Chegou o século XIX e começou o retorno ao Brasil das congregações expulsas. Os primeiros foram os capuchinos (1848) e, pouco a pouco, quase todas as outras congregações, incluindo as novas tais como os Barnabitas (1903), os missionários do Sangue de Cristo, os franciscanos alemães, os franciscanos americanos ... Mas em Belém não se passava a ter de novo estudos teológicos. Os paraenses que queriam ser padres deviam ir para S.Paulo, para o Rio e, mais facilmente, para Fortaleza ou

Recife. O último padre paraense a estudar em Recife foi o conego Davi Laredo, ordenado entorno de 1960.

02. A instituição do IPAR (Instituto de Pastoral Regional) e o retorno da teologia a Belém. O IPAR nasceu em novembro de 1971 e o convenio com a universidade federal do Pará sobre o curso de teologia foi assinado no começo de 1974. Quero dizer que, entre 71 e 74, o IPAR fez teologia por sua conta, sem ter um curso propriamente dito. Eu voltei da Itália no fim de abril do 72 e, alguns dias depois, comecei a dar aulas de filosofia mas mais em tom de repasse que de ensino propriamente dito. E foi naquele mesmo ano que me foram confiados dois alunos para serem examinados em vista da ordenação. Quem eram? O padre Estélio Girão, franciscano, e o padre Jaime Sidónio, diocesano de Belém. Um terceiro padre teve a ver comigo antes da sua ordenação. Era austríaco da congregação do Sangue de Cristo e se chamava José ou Zecão. Ele está ainda em Belém, aqui pelo lado de Ananindeua. Mas o que mais importa lembrar neste momento é o encontro eclesial de Santarém protagonizado por quase todos os bispos da Amazônia e por uma dúzia de padres (maio de 1972). Ao encontro chegou também dom Pedro Casaldáliga sobre um aviãozinho de duas vagas guiado por dom Tomás Balduino. Naquele encontro se tomou uma decisão de extraordinária valência. Tanto no IPAR de Belém quanto no CENESC de Manaus se devia administrar a teologia para três categorias de agentes de pastoral: os clérigos, os religiosos (as), os leigos. Era algo de inaudito e de profético para a igreja universal. E foi dentro desta visão que, no segundo semestre de 1974, após um regular vestibular, começou o curso de teologia na UFPa, tendo quatro professores: o padre Savino que era também coordenador, o padre Tiago Van Vindem, cruzio holandês, o padre Joaquim Farinha, português do Sangue de Cristo e um leigo brasileiro do qual não lembro o nome. Os primeiros alunos foram mais de vinte havendo entre eles pelo menos três águias: o

Marcelino, o Romeu e o Possidonio(5) Mas, sem insinuar que os outros fossem galinhas, havia outros nomes de grande peso ainda hoje. Por exemplo o padre António Garcia, vigário em S. Lucas do Guajará 2, o irmão Aloisio da congregação das missões e, em seguida, o padre Geraldo Pastana , hoje arcebispo de Imperatriz no Maranhão. Mas a surpresa maior do curso era o fato de que incluía clérigos de outras religiões –como a pastora luterana Marga Rothe das Neves, o pastor pentecostal de nome Adão junto a um grupinho de pelo menos cinco leigos: duas mulheres mãe de família, a advogada Oneide da Silveira Gomes, um rapaz de certa idade que vinha da Sacramenta e um de idade menor (uns vinte anos) que se declarava ateu e teria entrado na federal para derrubar a teologia em vez que abraça-la à maneira dos outros alunos(6). Infelizmente esta mistura de endereços e de religiões não ficou de agrado de vários bispos e foi este um motivo relevante para que surgisse, alguns anos depois, um segundo curso de teologia na mesma Belém. Onde? Aqui neste seminário S.Pio X, apresentando-se como concorrente do curso da UFPa e dividindo a região eclesiástica norte 2 em dois pedaços: de um lado as igrejas progressistas de Santarém, Óbidos, Altamira, Marabá, Conceição de Araguaia e Cametá, do outro lado as igrejas conservadoras de Belém, Abaetetuba, Ponta de Pedras, Soure, Bragança e Macapá junto a um bom número de ordens religiosas históricas. Foi durante o surgimento da segunda teologia que tive como aluno também o barnabita José Ramos, atual coordenador do curso de teologia em questão. A gente se entendia muito bem mas, quando os superiores dele souberam que tinha a mim como mestre, o mandaram estudar no Perú. Nos anos a seguir tive a sorte de conhecer outros excelentes alunos embora leigos. Posso citar dois nomes bem conhecidos: o Aniceto e o Bosco professores de filosofia desde muitos anos no curso teológico por mim iniciado em 1972.

03. Os patrocinadores do curso de teologia na universidade federal do Pará. Eram pelo menos quatro que, mesmo sabendo do cada vez mais evidente desentendimento entre regime militar e igreja, sonhavam com uma universidade que fosse parecida com as da Alemanha, da França e dos Estados Unidos. Nestes e outros países a teologia è tratada e estudada como qualquer outra área de ensino, sendo considerada útil ou indispensável para a formação humana e/ou religiosa de qualquer cidadão. Além disso, naqueles países a teologia não é controlada por nenhuma igreja e, por este motivo, tem mais condição de ser fermento e estímulo à crítica social e aos debates científicos, políticos e econômicos de relevância mundial. A sustentar uma visão que se traduzia em apoio inquestionável para o curso de teologia, na UFPa, brilhavam quatro nomes de indiscutível prestígio: o reitor de nome Malcher e tres vice reitores dele para as diversas área: o dr. Nelson Ribeiro, em seguida ministro da agricultura e reforma agraria no governo democrático do maranhense José Sarney, o dr. Viseu e o cõnego Ápio dos Pães Campos (7). Dito cõnego tinha a minha mesma idade e era um grande amigo. Era poeta e escritor e eu tinha publicado na Itália poemas dele a serem lidos nas escolas primárias junto com títulos de Olavo Bilac, Jorge de Lima, Ósvald de Andrade, Mario Quintana e muitos outros. Era ele o extensor do programa do curso de teologia e, toda vez que surgia um problema, visitava ele no seu gabinete. Um dia foi-me queixar com ele a respeito das disciplinas bíblicas do curso: "Seu cõnego, me parece que você não tratou bem a área bíblica do nosso curso. Em vista de estudar os 73 livros da Bíblia você excogitou somente duas disciplinas: Introdução ao Antigo Testamento e Introdução ao Novo Testamento. Deste jeito, a Palavra de Deus não fica um tanto estrangulada?". Eis aqui a resposta dele: "Querido amigo Savino, não se pode fazer tudo de uma vez. O que não pode logo entrar pela janela, pode entrar daqui a um pouco por baixo da porta. Entendeu?". È com estas palavras que quero concluir a minha

breve e apressada mensagem. Não se pode pretender tudo de uma vez. O ideal de oferecer a teologia a todo mundo, aqui em Belém, não está defunto para sempre, mas precisa ter paciência e sabe-lo ressuscitar. Precisamos ter uma teologia amazônica e talvez não estejamos ainda preparados para isso. Precisamos pensa mais no lema do poeta maldito Osvald de Andrade: " Nós, os brasileiros, fizemos nascer Cristo na Bahia e em Belém do Pará".

Savino Mombelli.

Belém do Pará, 06 de fevereiro de 2012

NOTAS

- 1) Este aceno resulta ser um convite ao historiador padre Raimundo Possidonio, aluno da primeira turma de teologia na universidade federal (UFPa) e, em seguida, formado em história da igreja junto a Gregoriana de Roma.
- 2) Em Belém, mais que os padres e os religiosos, os leigos tem sede de formação bíblica e teológica e encantam pelo desejo e tensão de prosseguir naquela linha.
- 3) Se trata do jesuíta italiano padre Ilario Govoni, professor no curso de teologia em questão. Seu último trabalho: MALAGRIDA NO GRÃO PARÁ, Gráfica Amazônia, Belém, 2009.
- 4) Em Belém, dois distintos padres de nome Prudêncio e Eutíquio, hoje lembrados por duas ruas da cidade, queriam pertencer à Maçonaria e, ao mesmo tempo, continuar de acordo com a autoridade eclesiástica. Foram excomungados por dom António de Macedo Costa.
- 5) Mons. Marcelino è Vigario Geral na arquidiocese de Belém, padre Romeu Ferreira é vigário na capital e, ao mesmo tempo, professor de disciplinas bíblicas no curso do qual se está falando, mons. Raimundo Possidonio è Vigario Geral pelas questões pastorais da arquidiocese. Cfr. nota 1.
- 6) Não lembro o nome deste rapaz que se declarava ateu e inimigo de qualquer religião. Quando percebeu que eu conhecia Marx, Nietzsche e

Freud melhor do que ele e não desprezava as agudas observações dos três autores a respeito da religião, caiu vencido e exigiu que celebrasse o seu casamento na igreja de S. Ana, na Cidade Velha. Em seguida vim saber que ensinava filosofia numa universidade católica do país.

7) O cônego Ápio Campos não tinha algum diploma em área da religião e, na universidade federal, ensinava filologia das línguas neolatinas. Após a instituição do curso de teologia na sua universidade, aproveitou para desenvolver um trabalho bíblico e obter a licenciatura em teologia por mim assinada.